

O GLORIO

# Márcio Moreira Alves

01 JAN 1995

■ DE BRASÍLIA



## O príncipe perfeito

Nunca, na História do Brasil, um governante assumiu as rédeas do Governo cercado de tanta admiração e esperança. Ao tomar posse hoje, Fernando Henrique Cardoso conta com a aprovação das elites, especialmente as econômicas, com uma base parlamentar tão sólida quanto o sistema partidário é capaz de oferecer e com a sustentação popular de 54% do eleitorado, obtida no primeiro turno sobre cinco outros candidatos. Não lhe assombram o sono espectro de intervenções militares nem ameaças de colapsos financeiros. Os governos estaduais mais importantes estarão ocupados por correligionários ou aliados seus. O coração do Ministério é composto por homens da sua estrita confiança que, de um modo geral, são considerados competentes. As indicações que teve de fazer em atendimento a reivindicações regionais e partidárias não chegam a comprometer a imagem positiva da equipe.

Tudo a favor, salvo as tarefas a enfrentar. Caberá ao novo Governo refundar o Estado brasileiro, incapaz hoje de fornecer à população os serviços para os quais foi criado: educação, saúde, segurança, prosperidade, que é um outro nome das oportunidades de emprego. Terá, ao mesmo tempo, que garantir e aprofundar a estabilidade da moeda, estabilidade que é sempre frágil nos países dependentes deste Ocidente Profundo que é a América Latina. A **débacle** do México, que ameaça arrastar a Argentina, é uma demonstração prática desta fragilidade. E, sobrepondo-se a todas as outras missões, deverá enfrentar o abismo entre ricos e pobres, entre regiões em desenvolvimento e em estagnação. Essas tarefas foram explicitadas pelo presidente em seu discurso de despedida do Senado, a 15 de dezembro, e nos comentários que fez quando da justificativa da escolha de seus ministros.

Estranhamente, apesar da constatação da inédita situação de privilégio do presidente, há entre os analistas políticos e econômicos como que uma secreta dúvida sobre a sua capacidade de corresponder aos anseios que despertou. Mesmo que quase ninguém a declare,

duvida-se da sua dureza e determinação. "Eu sou sempre cortês", disse ele em uma entrevista, "o que não deve ser confundido com fraqueza". Assegura que, muitas vezes, teve de dizer não quando ministro da Fazenda, resistindo até ao presidente Itamar. Resistir a Itamar, no entanto, não é considerado prova definitiva de determinação.

Todo homem de Estado tem de ter o seu executor. Getúlio costumava usar o governador de Pernambuco, Agamenon Magalhães, apelidado "O Malaio". É possível que Fernando Henrique apele para o seu primeiro-ministro, José Serra, "O Calabrês".

Não se pode reinar e ser inocente. Ninguém pode governar sem culpa, disse Saint-Just, pedindo a cabeça de Luís XVI. O coração de um estadista deve morar na sua cabeça. Não é com palavras e declarações de princípios que se governa as nações. Um príncipe de quem se diz "é um bom homem", é um rei deposto, escreveu Napoleão.

Maquiavel tinha, também, algumas idéias sobre a matéria. Para começar, uma advertência que cai como uma luva para a situação brasileira: "Não há coisa mais difícil de tratar, nem de sucesso mais duvidoso, ou mais perigosa de manipular que chefiar a introdução de uma nova ordem."

No entanto, a questão central que colocou foi: "É melhor ser amado que temido ou o inverso? Talvez se pudesse responder que se deve desejar um e outro; mas como é difícil colocar juntos o amor e o temor, é muito mais seguro ser temido, quando se tem de escolher entre os dois."

Para solucionar o problema, Maquiavel apontava ao príncipe as debilidades tanto da raposa como do leão, de vez que o leão não consegue escapar das armadilhas e a raposa não pode se defender dos lobos. Logo, o príncipe tem de ser raposa, para evitar as armadilhas, e leão para afugentar os lobos.

Sábios conselhos, ainda que impopulares. Será que Fernando Henrique conseguirá abrir mão de popularidade para ser o príncipe perfeito?